

“Mal Traçadas Linhas para Deusilene” - uma leitura dos aspectos sociais na ficção de Arthur Engrácio

Enderson de Souza Sampaio*

Ederson Luís Silveira**

Resumo: Literatura e sociedade possuem estreitas relações. Assim, os aspectos sociais podem ser levados em consideração para que se possa lançar luzes às interpretações realizadas em torno da produção literária de acordo com o contexto e a época em que se inserem e em como passam também a adquirir características atemporais, estendendo-se para além do contexto em que foi criada, impregnando-se de universalidade. Dessa forma, o presente estudo busca identificar e analisar a representação dos problemas sociais presentes no conto “Mal traçadas linhas para Deusilene” do escritor amazonense, Arthur Engrácio. Por conseguinte, serão observadas algumas características peculiares desta produção ficcional focalizando o contexto e a linguagem empregada nesta narrativa com base nos pressupostos teóricos da Sociologia da Literatura.

Palavras-chave: Literatura Amazonense, Sociologia da Literatura, Análise, Conto.

* Graduando do Curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua e Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: endersosampaio@gmail.com

** Mestrando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, pós-graduando em Ontologia e Epistemologia, graduado em letras pela Universidade Federal do Rio Grande- FURG (RS) e membro do FORMATE/GESTAR- Grupo de Estudos em Territorialidades da Infância e Formação Docente da Universidade Estadual do Sudeste da Bahia- UESB. E-mail: ediliteratus@gmail.com

Resumen: Literatura y sociedad poseen estrechas relaciones. Los aspectos sociales pueden tomarse en consideración para que puede lanzar luces actuaciones realizan alrededor de la producción literaria según el contexto y el tiempo de esa caída y cómo también adquieren características atemporales, extendiéndose más allá del contexto en el cual fue creado, impregnación de la universalidad. De esa forma, el presente estudio busca identificar y analizar la representación de los problemas sociales presentes en el cuento "Mal traçadas linhas para Deusilene" del escritor amazonense, Arthur Engrácio. Por consiguiente, serán observadas algunas características peculiares de esta producción ficcional focalizando el contexto y el lenguaje empleado en esta narrativa con base en los presupuestos teóricos de la Sociología de la Literatura.

Palabras clave: Literatura Amazonense, Sociología de la Literatura, Análisis, Cuento.

Reflexões iniciais

A língua é uma obra de arte e deve ser considerada como tal, portanto objetivamente; assim, tudo o que é expresso nela deve seguir as regras e corresponder à sua intenção; em cada frase, é preciso que se comprove o que deve ser dito como algo que objetivamente se encontra ali.

(Arthur Schopenhauer, 2010, p. 124).

A literatura de expressão amazônica produzida no período que se estende até meados da década de 50 no interior do século XX se destaca pelas marcas da linguagem com que é elaborada. Nesse sentido, os primeiros textos produzidos na Amazônia e sobre a Amazônia estão impregnados de uma linguagem hiperbólica. Essa literatura apenas descrevia o que representava essa grandiosa região cheia de rios e florestas exuberantes, o que talvez tenha contribuído, por muito tempo, para que até hoje se tenha essa ideia mítica e até mesmo exótica da Amazônia.

Ao descrever exclusivamente a região, os poucos relatos acerca das personagens que aqui viviam e ainda vivem consideram esse homem como sendo apenas representante dessa paisagem, ou seja, **o caboclo e o índio** tornam-se apenas fragmentos dessa moldura que se tem do quadro representacional que figura no imaginário coletivo sobre a Amazônia. Essa visão reducionista dos seres que ali habitam apenas contribui para o fortalecimento do estereótipo do ser que figura enquanto entidade passiva perante os acontecimentos, ou seja, o nativo é estigmatizado visto que não sendo capaz de tornar-se protagonista de sua própria história, passa a ser visto como alguém que necessita de mediação para comunicar-se com a “cultura civilizada”.

Tal perspectiva só iria mudar com a chegada do movimento que se denomina Modernismo, onde os intelectuais locais iriam transformar e ampliar sua concepção e o olhar sobre o ribeirinho. É nesse sentido que se pode examinar o modo poético do escritor amazonense Arthur Engrácio. No Amazonas surge um movimento com forte influência das aspirações do modernismo e da Semana de Arte Moderna, o Clube da Madrugada, doravante CM, do qual o escritor foi um grande representante, pois é o primeiro a escrever em prosa de ficção, uma vez que em 1960 publica “Histórias de submundo”.

Sobre o escritor amazonense

O escritor amazonense Arthur Engrácio nasceu no ano de 1929, em Manicoré, município localizado no interior do Amazonas. Ele faleceu na cidade de Manaus em 1997. Nesse percurso, o autor, como muitos outros escritores da época, migrou rumo à metrópole perfazendo o trajeto que muitos fizeram no qual poucos conseguiram êxito. Já na capital amazonense formou-se em Direito e tornou-se um funcionário público atuando também como jornalista. O ficcionista amazonense participou do movimento chamado Clube da Madru-

gada destacando-se também no âmbito da análise e crítica literária das obras de seu tempo.

Arthur Engrácio atuando na literatura não deixa de contemplar suas raízes. O conteúdo de suas obras geralmente retrata os dramas/ conflitos que vivenciara durante sua infância em Manicoré. Por isso, são recorrentes na produção ficcional do autor relatos a respeito dos sofrimentos e dramas dos ribeirinhos como também a exploração a que estavam submetidos pelos coronéis e seringalistas. Os textos engracianos fazem parte de um conjunto de memórias de uma Amazônia por vezes esquecida. Desse modo, suas narrativas representam confissões de uma região à parte, de um verdadeiro submundo. Sendo assim, a literatura retratada pelo ficcionista é a representação de um mundo onde o poder público tinha alcance. Nesse universo homens e mulheres estavam submetidos à vontade de uma pequena elite extrativista que ainda matinha o seu poder sobre o povo, especialmente aqueles que residiam no interior.

O amazonense Arthur Engrácio está diretamente ligado à corrente regionalista de cunho social. Sua obra é tradicionalmente reconhecida por retratar as misérias do homem do interior. Neste sentido, a Amazônia pintada pelo escritor é relativamente diferente daquela imagem naturalista e conservadora. Dito de outro modo, a região caracterizada pelo autor destaca-se pela crueldade dos personagens que ali habitam.

A temática nos textos do autor se define por retratar o aspecto obscuro e ao mesmo tempo real de um espaço geográfico onde ocorrem estupros, onde o subdesenvolvimento salta aos olhos do leitor, onde os abusos são constantes, onde as doenças prevalecem e se multiplicam, onde o trabalho escravo ainda prevalece e onde o desemprego cresce e com ele se afluam a criminalidade e ao mesmo tempo prostituição que andam de mãos dadas em um contexto de (des)contínuo entrelaçamento de ambas nos contextos narrados.

Aspectos sobre o conto

Transgredindo os padrões clássicos do conto Arthur Graciano distancia-se do panorama tradicional das narrativas curtas não mais pautado na estrutura-padrão de começo, meio e fim. Em seus contos o autor busca retratar a vida interiorana em forma de pequenos flagrantes. Esses flagrantes evidenciam os dramas, as injustiças e os desejos do homem que reside à beira dos rios, figura típica que cultiva sua agricultura na várzea e extrai borracha da *hévea brasiliensis*. Os contos engracianos são extremamente atípicos chegando a alguns casos a “chocar” o seu leitor. Um exemplo dessa postura pode ser evidenciado na narrativa “Mal traçadas linhas para Deusilene”.

Em se tratando da produção ficcional de Arthur Graciano, pode-se considerar que o escritor se concentrou na prosa de ficção. A partir desta constatação, a prosa engraciana apresenta seu estilo de narrar com suas vestes características de denúncia e encontro com a realidade que circunda o escritor em seu tempo. Nesse sentido, a característica fundamental de sua literatura fica explícita especialmente em sua construção de linguagem, a qual se define por ser simples, objetiva e direta pautada num estilo único e singular.

A ficção engraciana focaliza notoriamente o homem amazonense. Na precisão de sua prosa o autor imprime destaque para o caboclo em todas as dimensões possíveis. Sendo assim, é possível comentar que, em suas narrativas, o escritor capta a figura do homem amazônico como se o mesmo estivesse sendo fotografado, ou seja, seus relatos são exímios retratos do homem típico do Amazonas a partir das possíveis manifestações e efeitos da presença do homem nativo.

Sobre a literatura do escritor amazonense Pinto (2010) ressalta que Graciano elabora uma literatura de tons fortes que pode soar desagradável devido à denúncia da exploração a que o homem do interior amazônico é submetido sem nenhuma preocupação em agradar a paladares mais sensíveis. Diante do exposto Pinto (2010)

assevera que a unidade da produção de Engrácio deriva de duas grandes vertentes: a regionalista e a mítica. Dessa forma, a primeira vertente é fruto da observação direta da vida do homem do interior da Amazônia. Por conseguinte, a segunda característica é decorrente da aceitação do universo mítico primitivo desse mesmo homem, ou seja, a complexidade e originalidade em retratar a temática regionalista é fruto dessa dualidade de fatores que influenciam na produção literária de Engrácio.

No que concerne ao conto, Pinto (2009, p. 82) assinala que “o conto tem uma fabula bem definida, poucos personagens, tempo e ação muito concentrados, passados num só ambiente”, ou seja, essa definição remete ao aspecto tradicional do conto já definido por Aristóteles sob a forma da tríplice unidade: ação, tempo e lugar. Ao encontro disto, temos a percepção de conto a partir de Massaud Moisés (2008, p. 126) para quem “o conto, por suas características fundamentais, semelha acolher ao mesmo tempo a intensidade e a densidade”. Sendo assim, o conto constitui uma célula dramática, com unidade de tempo, lugar e ação, e, em alguns casos, é natural que aborreça o ritmo da câmara lenta e se prefira a intensidade implícita em todo flagrante tomado da realidade cotidiana a depender dos modos de narrar para os quais as lentes do autor se voltam.

Literatura e sociedade

Este trabalho busca extrair da narrativa os aspectos sociais que o narrador expressa através do contexto de constituição da obra que apontam para o exterior constituinte do texto literário, como no caso da utilização da palavra “manduca” – figura típica do homem amazônico e narrador da diegese. Para tanto são aqui adotados os pressupostos teóricos da Sociologia da Literatura, em que a análise literária é realizada partir das contribuições da Sociologia.

A este respeito, podemos afirmar segundo Samuel (1985, p. 14) que “o escritor é um membro da sociedade, pertence a uma determinada classe social, mas a literatura não pode ser considerada apenas uma expressão da sociedade em que ele vive”. Por conseguinte, o artista exprime a realidade reproduzindo-a por meio da literatura como um flagrante de um episódio, de um recorte histórico. Ao reproduzir a realidade o escritor dá forma para essa realidade (re) construindo-a por meio da linguagem simbólica e atribuindo personagens para essa realidade criada. Nesse sentido, Amora (2006) assevera que o autor cria e o leitor recria a obra literária no instante da interpretação. Dessa forma, pode-se sintetizar o texto literário através do olhar sociológico da seguinte forma:

[...] Um escritor, um ser socializado, serve-se da língua, um código institucional, para produzir o texto literário, que sofre as influências das convenções e da tradição. Esse texto só adquire função social quando em contato direto com o leitor. (PINTO, 2009, p. 128).

Dito de outra forma Candido (2006, p. 42) tece o seguinte comentário: “o público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador”. Nas palavras de Samuel (1985, p. 109), “toda forma literária, toda forma artística nasce da necessidade de exprimir um conteúdo essencial”. Dessa forma, a narrativa necessariamente teria como propósito revelar (no sentido de desvelar) a sociedade em que se situa e/ou para a qual se direciona.

A obra literária não é o simples reflexo de uma consciência real e dada, mas a conscientização e concretização das tendências de um grupo social. A relação entre o pensamento coletivo e as criações artísticas não reside numa identidade de conteúdo, mas numa homologia de estruturas: o que se passa na sociedade é o que se passa no romance direta ou indiretamente. (SAMUEL, 1985, p. 110).

É preciso acentuar que nem sempre a obra literária trata de questões sociais, mas pode apontar para questões sociais, indiretamente, conforme acentuado pelo autor anteriormente citado. Sobre as particularidades do regionalismo no âmbito dos estudos literários, podemos mencionar um artigo de Mariza Lajolo (1998), intitulado “Regionalismo e história da literatura: quem é o vilão da história”. Neste texto, a autora traça uma história da crítica literária brasileira. Para ela, desde meados de 1800, em questões de forma e conteúdo, tivemos uma historiografia eurocêntrica e normativa.

De acordo com Lajolo (1998), somente nas primeiras década do século XIX que se tem o surgimento de uma crítica menos europeizada. Neste contexto alguns critérios foram definidos para assinalar, nas críticas, o que seriam obras nacionais, como a cor local, a noção de particular e de pitoresco. Neste contexto, em 1969, Araripe Júnior reivindica para a poesia uma “americanização” atenta às singularidades que diferenciavam as tendências locais em contraposição às tendências europeias.

Outro texto imprescindível é o “Instinto de nacionalidade” de Machado de Assis, em que o autor resgata a noção de íntimo significado nacional no âmbito da literatura produzida aqui, inserindo um elemento de dúvida nos chamados localismos enquanto que Alceu Amoroso de Lima acentua a importância dos “localismos” na literatura dando “nome aos bois” (praia, campo, cidade, interior, selva). Neste contexto, Monteiro Lobato e o “Jeca Tatu” são exemplos de representação local (des)figurada na literatura nacional a partir de elementos locais.

Ao tratar das relações entre literatura e sociedade e sobre as diferenças entre o universal e o regional, podemos perceber que em muitas obras ambas características aparecem mescladas visto que o caráter atemporal dos livros que são lidos por gerações e gerações de leitores são aqueles que, nas palavras de Ítalo Calvino, não termi-

naram de dizer o que tinham para dizer. Se obras regionais podem ser lidas por pessoas que necessariamente não moraram nas regiões em que os fatos ocorreram ou que vivem noutras sociedades, noutras épocas e a literatura faz sentido a estes leitores, é porque além do regional, estão os elementos universais ficcionalizados. Quando as palavras do autor reverberam noutros contextos além do contexto de origem, então temos a sobrevivência dos escritos e a propagação da ficção através das releituras e deslocamentos possibilidades no encontro com outros leitores, sociedades e épocas, o que ressignifica a tarefa de escritura do texto.

Ainda sobre esse aspecto Samuel (1985, p. 14) assinala que “a literatura como ficção é quase autônoma da realidade. Ela denuncia a realidade de fora (através da forma, tanto quanto através do conteúdo, pois é a forma que expressa o conteúdo)”, ou seja, desse entrelaçamento entre forma e conteúdo a literatura se alicerça. Mas a relação entre literatura e sociedade não separa uma da outra e não vincula apenas ao contexto narrado a ficção por causa dos deslocamentos e leituras que podem ser realizadas noutras épocas, além do ato de lançar olhares sobre o passado, na relação dos leitores no encontro com o passado que fala sobre seres humanos, com angústias, incertezas e problemas como os da sociedade em que o leitor se insere.

No exemplo anterior, a utilização do termo lexical “quase” na frase de Samuel aponta para a não dissociação nem desligamento das relações entre literatura e sociedade. Dessa forma, do mesmo modo em que a relação entre literatura e sociedade pode ser observada levando em consideração a tríade: a raça, o meio e o momento, posto que toda raça vive em um determinado meio natural e sociopolítico (SAMUEL, 1985, p. 94) ela também pode ser percebida através do diálogo contínuo que estabelece entre sociedades e contextos diferentes (o contexto social ficcionalizado e o contexto social em que se insere o leitor).

Em seu ensaio intitulado “A Expressão Amazonense do colonialismo ao imperialismo” Márcio Souza (2010, p. 48) argumenta a respeito da sociedade amazônica como sendo: “uma sociedade voltada para o extrativismo para suprir as exigências do mercado externo e subordinada a importações para atender suas necessidades internas”. Ou seja, trata-se de uma sociedade não autônoma e dependente totalmente do capital estrangeiro. Esta especificação do regional, ainda que presente não engessa o texto em premissas e particularidades *ipsis literis* do contexto sobre o qual se assenta a narrativa. Olhando de um ponto de vista mais global, podemos perceber que há a assinalação das desigualdades, da miséria humana, das injustiças sendo denunciadas através do que é narrado e das (des) identificações do leitor em relação a situações que se repetem com outras vestimentas, noutros contextos, o que aponta para elementos universais destacados na ficção aqui destacada, entre outros.

Neste sentido, a partir de um olhar atento para elementos regionais em ficções assinala-se para a necessidade de percebermos os entrelaçamentos entre o universal e o regional, ao mesmo tempo em que se leva em consideração que a literatura é produto de construção simbólica, esteticamente construído e culturalmente situado no tempo e no espaço, atingido, portanto pelas sociedades pelas quais emerge, transita e se perpetua. O sentimento de pertencimento a uma terra-mãe ou a algum local específico pode se assinalar em oposição aos deslocamentos da modernidade, em que “ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor- mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos” (BERMAN, 1987, p. 15), o que não deslegitima o caráter universal de tais obras, ao contrário, ressalta as dobras e transfigurações do universal sob as vestes e (des)continuidades do particular ficcionalizado.

Análise da narrativa

O enredo do conto pode ser assim descrito: um caboclo deixa sua casa e família no interior do estado em busca de melhores condições de vida na cidade. Um dos aspectos mais marcantes na narrativa de Arthur Engrácio, conforme já mencionado, é a linguagem empregada na construção do discurso do caboclo “manduca”, o protagonista da *diegese*. A linguagem engraciana é notoriamente simples marcada por fortes marcas típicas do discurso oral carregada de verossimilhança interna que apontam para o exterior enquanto constituinte da ficção.

Por isso, Allison Leão (2011) assevera que a linguagem do escritor Arthur Engrácio nada tem a ver com o que já foi feito e se faz na literatura amazonense. Segundo Leão, o autor é muito pessoal na sua maneira de narrar suas estórias e o faz com segurança lançando mão de recursos criativos dos quais se impregna o fazer literário que lhe é característico entre seus pares. Desse modo, nas palavras de Leão (2011), a produção literária do escritor amazonense traz consigo várias características e entre elas pode-se destacar o tema recorrente da vida no interior e os aspectos sociais aí inseridos.

Uma multiplicidade de questões às quais ao autor buscou responder. Nesse conjunto de demandas, notaremos desde uma vontade de estabelecer as bases de regionalidade literária, até procedimentos de recepção de obras tidas como universais. Além disso, questões mesmo de política literária e disputas de poder no campo da cultura acabam por configurar como fator, não regional, mas local, que se pode dizer preponderante na constituição da obra de Engrácio (LEÃO, 2011, p. 130).

Em “Mal traçadas linhas para Deusilene” a problemática de uma sociedade se mostra desde a primeira linha da narrativa. Das características marcantes no conto a linguagem se confirma como marca fundamental. Dessa forma, as expressões linguísticas utilizadas pela

personagem protagonista conferem ao conto o caráter de verossimilhança. Trata-se de um discurso fiel à realidade cabocla amazônica reforçado pela oralidade espontânea típica da linguagem da região interiorana do Amazonas. Esta oralidade não segue os padrões de sintaxe erudita, afastando-se da língua culta, mas que obedece às leis de regularidade funcional da língua que serve às necessidades de interação dos falantes.

No conto, o narrador utiliza-se de recursos como a metáfora. Dessa forma, a consolidação da estrutura metafórica emprega ao conto um tom irônico ao relacionar o humano ao animal e a comparação metafórica revela num tom de denúncia que a humanidade pode ser cruel, inescrupulosa, individualista e nesse contexto de supervalorização do capital ocorre a presença de seres humanos ligados à mudez do mundo animal (destituídos de voz política, marginalizados em sua condição de excluídos). “Às vez a gente, nos momento de desespero, diz que a humanidade é ruim, os homen não presta, são fera que vivem querendo devorar o outro”. (ENGRÁCIO, 1986, p. 107). Esse posicionamento de disputa aponta para a representação ficcional dos homens como canibais como pode ser revelado nas construções poéticas de outra autora, a poetisa Astrid Cabral, para quem em “Tartarugada” (2006) os seres humanos “são fera que vivem querendo devorar o outro”.

A narrativa de Engrácio também faz uma crítica à Zona Franca de Manaus. Esse posicionamento denuncia a indignação frente a um problema grave na sociedade, a utopia da boa vida na metrópole.

“O que qui tem de tu ir te meter nessa tal de Zona Franca, cunpadre? Largar a tua roça, já bem crescidinha, pra ir cheirar o cu desses ricos só por via de um emprego? O que tu ganha aqui será que não dá pro teu sutento e dos teus barrigudos?!” (ENGRÁCIO, 1986, p. 107).

Dessa forma, por meio da voz das personagens o narrador sugere que o êxodo rural é uma marca do subdesenvolvimento da nação

que ingenuamente se deixa enganar pela probabilidade de alcançar a ascensão social que possivelmente viria com a chegada à cidade grande. Porém, o fruto desse sonho de futuro e prosperidade em Manaus cai por terra e em seu lugar emergem as mazelas de uma metrópole em pleno processo de estruturação e desenvolvimento.

Nessas “Mal traçadas linhas para Deusilene” inúmeros problemas sociais são revelados. Sendo assim, o autor destaca entre os vários aspectos negativos de uma sociedade como a amazonense o problema do analfabetismo. “Eu não tinha nada de pagar passagem cara, sofrer vexames porque não sei falar direito nem ler que preste, pra me meter na infuca que me meti!” (ENGRÁCIO, 1986, p. 107). Essa é uma questão problemática que escancara uma sociedade omissa na qual a educação quase não se realiza no contexto narrado para as camadas de menor poder aquisitivo. Por isso, torna-se conveniente perguntar: como pode se desenvolver uma sociedade sem que seja levada em consideração a educação de seus indivíduos? A resposta aponta para a carência de políticas públicas voltadas para a educação (igualitária) de seus cidadãos.

Por conseguinte apresenta-se a prostituição como característica comumente praticada na época. “Na primeira noite, fomos bater num tal de Saramandaia, um casarão enorme onde as mulheres-damas fazem a vida”. (ENGRÁCIO, 1986, p. 107). Ainda mais grave mostra-se a temática da exploração sexual infantil como prática comum na região “O que mais vi foi menininha nova, que não chega aos treze anos” (ENGRÁCIO, 1986, p. 107). Outro trecho da narrativa representa bem essa realidade “Sabe de uma coisa, meu chapa: a prostituição de menininhas aqui é tão grande e aberta, que pentelho não conhece cabaço – quando um chega o outro já foi...” (ENGRÁCIO, 1986, p. 108). Os motivos apontados na narrativa para que isso ocorra devem-se a falta de oportunidade que os indivíduos estavam expostos. Não tendo emprego restava às meninas apenas a entrega total dos corpos aos estranhos inescrupulosos aproveitadores de sua condição.

Também se configura como recorrente no conto a omissão policial. Dito isso, percebe-se a falha do Estado ao não cumprir com suas atribuições, e faltando com outras como o consentimento a práticas abusivas. “Que polícia, meu chapa, aqui a putaria é livre! Nós não estamos na Zona Franca, então, o que você quer?, me respondeu ele.” (ENGRÁCIO, 1986, p. 107), ou seja, tem-se então uma sociedade permissiva que fecha os olhos para as imprudências e desvios éticos das ações de seus cidadãos. Neste contexto, temos a denúncia de um Estado que falha ao não cumprir com suas funções, ao não garantir a segurança e muito mais ao usar do autoritarismo e do abuso de poder.

Neste contexto ficcional que aponta para a realidade que reflete/refrata (BAHKTIN, 1986) famílias inteiras de caboclos deixavam suas casas e roças e se deslocavam para a capital amazonense em busca de emprego e confiantes na melhoria de vida que a Zona Franca lhes proporcionaria. Para os filhos e filhas desses caboclos há apenas uma saída “intrínseca” ao gênero de cada um: para os meninos restava a criminalidade, as moças apenas a prostituição.

Os filhos inexperientes, sem instrução nenhuma, quando vêm que a coisa não é como lhes disseram, para não darem o braço a torcer voltando para o mato, saem à procura de emprego. Não conseguindo, que não é nada fácil, os rapazes caem na marginalidade, assaltando, matando, e as moças se atiram na prostituição – para sobreviverem. (ENGRÁCIO, 1986, p. 108).

Assim, para os filhos dos interioranos injustiçados só restava acreditar na sorte e quando não a possuíam restava-lhes tão somente fazer a própria sorte com os meios dos quais dispunham. É interessante pensar que as práticas de assaltos e tudo mais que estavam sujeitos a fazer, justifica-se por que não tinham opção, ou seja, para sobreviverem nesse ambiente hostil que representava a Zona Franca de Manaus para os caboclos não havia outra saída senão roubar e para as meninas, restava apenas usar dos artifícios de seu corpo.

Conforme ressalta o narrador é importante notar na narrativa o sugestivo tom de denúncia, apontando o descaso e a falta de assistência governamental. A representação do poder público encontra-se de mãos dadas com a corrupção, ou seja, o conto de Arthur Engrácio aponta para uma sociedade em construção e em plena expansão territorial e populacional, em que os interioranos abandonavam suas casas e roças e se punham rumo ao paraíso de uma cidade/progresso em desenvolvimento, a Manaus dos sonhos. No que concerne à arquitetura da personagem protagonista (manduca), o narrador constrói um herói que enfrenta as adversidades e busca compreender seu lugar no mundo e na sociedade da qual faz parte.

Tomando emprestado da literatura portuguesa, os termos “estribilho” ou “refrão” aparece intencionalmente na ficção engraciana a partir da repetição da seguinte sequência de palavras: “só queria um emprego na Zona Franca” que possui um propósito específico na construção da narrativa. Arthur Engrácio utiliza-se deste recurso que aponta para a ironização narrativa a partir do sarcasmo do desejo já que o representante do interior (manduca) deixa sua casa e família rumo ao sonho de conseguir um emprego na importante Zona Franca de Manaus, que não consegue. Do mesmo modo o escritor aponta para um quase sem número de pessoas que buscavam empregos na capital e tinham suas expectativas frustradas.

Considerações finais

O escritor amazonense, Arthur Engrácio, destaca no conto “Mal traçadas linhas para Deusilene” a realidade de uma região em pleno processo de crescimento populacional e industrial. Na produção ficcional a temática da Zona Franca de Manaus evidencia-se como um aparente progresso para a região. No entanto esse relativo progresso traria consigo alguns graves problemas para uma sociedade como a amazonense. Todos esses problemas são escancarados na estória

de Manduca, principalmente a figura do caboclo que ao chegar a Manaus sofre com a distância, saudade da família, bem como com as injustiças locais.

O texto literário de Engrácio traz desde o início o teor de crítica social. Apontando os problemas de uma cidade como Manaus o narrador revela uma alarmante realidade. É recorrente no texto o sofrimento do caboclo “manduca” vítima de uma sociedade em pleno processo de desenvolvimento e muito mais vítima da ganância e cobiça humana corroborada pelo caráter explorador e desumano de alguns personagens.

Vale ressaltar que a realidade construída pelo narrador aponta para uma sociedade doente em demasia sendo a doença da humanidade que afeta a alma dos que dela fazem parte em que políticos negligentes e policias corruptos, entre outros, são reflexo de uma comunidade degradante. Além disso, outros fatores colaboram para essa imagem negativa da sociedade. Dente eles destaca-se o êxodo rural, pauperismo, exploração sexual de menores, criminalidade, desemprego e analfabetismo.

Diante do exposto conclui-se que a literatura e sociedade estão intimamente ligadas. A sociedade e a obra em diálogo trazem a representação do tripé raça, meio e ambiente e a análise dos aspectos sociais da narrativa busca extrair essas características, ou seja, a literatura traz consigo marcas de elementos exteriores à obra que colabora(ra)m na sua constituição esses fatores. Assim, em “Mal traçadas linhas para Deusilene”, Arthur Engrácio constrói uma imagem do caboclo em Manaus baseado nos fatos de uma realidade histórica. A produção literária do autor recria a realidade de uma região que é construída com influência do poder político local. Desse modo, a obra encaixa-se naquilo que Zemaria Pinto (2009) aponta como sendo característica do (fazer) literário: para ele literatura é recriação da realidade.

Finalmente, pode-se dizer que nessas “Mal traçadas linhas para Deusilene”, o narrador reconstrói uma realidade narrada na voz de “manduca” que relata todos os acontecimentos ocorridos posteriormente sua saída do interior. Manduca busca emprego e encontra apenas violência, abusos e injustiças.

Tudo isso é relatado através de uma narrativa epistolar e traz o alcance dos fatos ocorridos consigo para a esposa Deusilene e, conseqüentemente, endereçada aos leitores que se situam no tempo em que a narrativa foi construída e aqueles que se situam fora deste tempo, imbricando características atemporais ao texto literário. Dessa forma, se constrói uma irmandade de leitores que em diálogo ininterrupto com o autor podem problematizar a realidade que nos torna humanos face à desumanidade das injustiças e mazelas da sociedade da qual fazemos parte seja no norte ou no sul do país com todas as vestes de intolerância e miséria a que os seres humanos estão submetidos, independente do lugar e tempo em que estes leitores estiverem situados.

Referências

- AMORA, Antônio Soares. *Introdução à teoria da literatura*. – 13. Ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.
- BAHKKTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8ª edição. São Paulo: Huicitec, 1986.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar - A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987
- CABRAL, Astrid. *Jaula*. Rio de Janeiro: Editora da Palavra, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. – 9. Ed. (revista pelo autor). Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- D'ONOFRIO, Salvatore. *Forma e sentido do texto literário*. São Paulo: Ática, 2007.
- ENGRÁCIO, Arthur. *20 Contos Amazônicos*. Edições Puxirum, 1986.

ENGRÁCIO, Arthur. *Histórias de submundo*. 2ª edição. – Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Edua / Uninorte, 2005.

LAJOLO, Marisa. Regionalismo e história da literatura: quem é o vilão da história? In: *Historiografia brasileira em perspectiva*. 2. ed. São Paulo: USF/ Editora Contexto. p. 297- 328 1998.

LEÃO, Allison. *Amazonas: natureza e ficção*. – São Paulo: Annablume; Manaus: FAPEAM, 2011.

MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. – São Paulo: Cultrix, 2008.

PINTO, Zemaria. *O Texto Nu – Teoria da literatura: gênese, conceitos, aplicação*. Manaus: Editora Valer, 2009.

_____. *O conto no Amazonas*. Editora Valer, 2011.

_____. *Arthur Engrácio e o Homem Natural*. Disponível em: www.Palavrado fingidor.Com.br <http://palavradofingidor.blogspot.com.br/2010/06/arthur-engracao-e-o-homem-natural.html>.

SAMUEL, Rogel. *Manual de teoria literária*. – Petrópolis, Vozes, 1985.

SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense – do colonialismo ao neocolonialismo*. 3ª edição. – Manaus: Editora Valer, 2010.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. – Porto Alegre: L&PM, 2010.

TADIÉ, Jean-Yves. *A crítica Literária no Século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.